

A violência doméstica uma forma de exclusão familiar

Maria Rita D'Angelo Seixas, PhD¹

“La única forma de aprender a amar es siendo amado.
La única forma de aprender a odiar es siendo odiado.
Esto ni es fantasia ni teoria, simplemente es un echo
comprovable.”

ASHLEY MONTAGU, La agresión humana, 1976

O poder humano decorre de três fontes principais: o conhecimento, o dinheiro e a violência.

A violência é a forma mais primitiva e inferior de poder, porque só podemos usá-la para castigar, fazer mal, destruir. (Marcos, 2004)

Suas sementes são semeadas nos primeiros anos de vida, cultivadas na infância e começam a dar frutos malignos na adolescência, estimuladas por crueldades sofridas, até fazer parte do caráter do adulto.

Nossos comportamentos desde o sadismo até o altruísmo são o resultado de processo evolutivo condicionado pelas forças sociais e valores culturais.

As histórias de nossa civilização estão repletas de agressões humanas. Através do sexo, seres frágeis e grupos minoritários foram objetos fáceis de ultrajes exploração e tormentos.

A Organização Mundial da Saúde (outubro de 2002) relata que atos de violência matam mais de 1,6 milhões de pessoas ao ano.

O que nos leva a torturar e matar um semelhante e até nossos companheiros de vida?

A disputa entre o genético e a influência social é um tema que gera controvérsias quando se quer explicar a formação das personalidades e conseqüentemente as tendências pacíficas ou violentas das pessoas.

A explicação da violência como genética ou aprendida é uma controvérsia entre os *experts*.

Para alguns a violência é uma qualidade humana inata, universal e inevitável que se libera automaticamente obedecendo a um impulso natural programado nos genes de nossa espécie. Esta idéia está baseada na concepção de que possuímos um mecanismo inato de luta pela sobrevivência.

¹Profª Drª Maria Rita D'Angelo Seixas. Psicóloga, psicodramatista. Professora Supervisora pela FEBRAP, Doutora em Psicologia Clínica - PUC/SP. Docente do Depto. de Psicodrama do Instituto Sedes Sapientiae, Docente do Depto de Psiquiatria da UNIFESP. Coordenadora do curso de Terapia Familiar em Hospital / UNIFESP - Escola Paulista de Medicina. Coordenadora do Curso de Terapia Comunitária. Coordenadora da Escola de Sociodrama Familiar Sistêmico. Autora do livro Sociodrama Familiar Sistêmico e vários artigos publicados.

O mundo é cheio de estímulos perigosos dos quais temos que nos defender. Por isto a violência torna-se necessária para a continuação da espécie.

Para outros, os animais lutam pela sobrevivência mas não são cruéis. Quando lutam estão motivados por medo de serem eliminados em situação que sentem-se acuados, por fome, necessidade de procriação ou defesa de si e da espécie. Quando podem, evitam matar ou mutilar seu competidor, limitando-se a retirarem-se com superioridade quando vencem e permitindo que seu inimigo fuja sem persegui-lo. Quando têm que matar fazem-no da forma mais rápida possível, sem nenhuma crueldade.

O homem diferentemente, não tem comportamentos violentos só quando está ameaçado e pode ser cruel quando levado por emoções, mesmo sem necessidade de auto defesa. É no cérebro, dotado de grande plasticidade, para responder aos estímulos do meio, que se desenvolve a maneira **de ser violento** nos seres humanos. Conseqüentemente, herdamos genes agressivos, mas não a crueldade. Só alguns são cruéis.

Nascemos com a predisposição para a violência, mas também para a compaixão.

A violência se aprende sob certas circunstâncias e se aprende profundamente.

O bebê satisfeito desenvolve segurança em si e nos demais, bem como a comunicabilidade. O ignorado é temeroso e agressivo.

As paixões jogam um papel poderoso no comportamento humano. Podem estimular tanto a inveja, tirania e agressividade, quanto a criatividade, autonomia e a solidariedade.

As paixões dão significado à vida humana. Geram monstros e heróis.

As experiências que mais predispõe a recorrer à violência para resolver frustrações é ser objeto ou testemunha de repetidas agressões na infância, principalmente por parte dos progenitores. As pessoas que vivem entre agressões e humilhações na infância tendem a ser insensíveis a estes horrores e/ ou podem tornar-se agressores.

A idéia de que o poder das paixões e a violência são aprendidos, garante-nos poder lutar para mitigá-los ou preveni-los. Por isto devemos dirigir os cuidados preventivos e terapêuticos primordialmente aos pequenos durante os primeiros 12 anos de vida enquanto há a possibilidade de desenvolver a compaixão, a tolerância, o sentido de autocrítica e a empatia.

O antídoto universal e mais poderoso contra a violência é o desenvolvimento das tendências altruístas naturais do ser humano.

Olhando do ponto de vista histórico as idéias malignas parecem estar diminuindo entre as pessoas:

1. A posição da criança na sociedade melhorou;
2. A mulher já não é vista como propriedade do homem em grande número de nações;
3. Embora ainda existam guerras se conteve a obsessão de se construir bombas atômicas.

Resta-nos, contudo, um longo caminho até a convivência pacífica entre as pessoas.

A violência é sempre preocupante em vários cenários humanos. A mais inquietante é a que se desenvolve no lar. Espaço que deveria, pelo seu objetivo formador, ser o mais amoroso.

As conseqüências da violência doméstica são tão desastrosas, por que atinge o celeiro humano de novas personalidades destruindo-as antes que se formem.

“A violência doméstica é o conjunto de formas de violência que se exerce no lar, qualquer que seja a pessoa que a exerça ou sofra” (Welzer-Lang, 2007).

A nosso ver é a mais destruidora.

Perigosa realidade, porque todos temos impulsos amorosos e agressivos e é a família que é a referência, a matriz de identidade e deve nos ensinar como controlar a raiva e dar saída às pulsões internas com limites. Caso a família forneça modelos de agressão o ato lesivo passa a ser considerado normal, não se critica as conseqüências que dele advém e é a violência o modelo aprendido pela criança para reagir a frustrações.

A criança maltratada sente-se isolada, sozinha, com medo, se retrai. Passa a desconfiar de todos e quando em conflito torna-se agressora, porque foi este o mecanismo que aprendeu para solucionar conflitos e aí é excluída pelo social.

Neste momento cria-se o padrão repetitivo de exclusão. A criança se exclui e se isola pelas agressões sofridas em casa, ou é excluída quando castigada pelas agressões que comete em casa e na rua.

Existem várias formas de exclusão doméstica. Desde a agressão psicológica que inclui insultos, desqualificações, ameaças de abandono e morte, até a negação da existência por indiferenças, isolamento ou segredo, chegando às formas mais graves, à condenação à morte em vida, pelo descaso e desqualificação da pessoa, que é tratada com se não existisse. Na maioria das vezes estas atitudes não possuem nenhuma justificativa importante que as explique.

Esta exclusão às vezes se concretiza em formas mais efetivas: impossibilitar a alguém o pertencimento à família negando-lhe o sobrenome, a expulsão de casa sem dinheiro nenhum e/ou chegar a deserdar a pessoa. Em alguns casos isto ocorre como meio de afastamento da família, para impedir que delate abusos sexuais ou físicos que lhe foram infringidos e que são outras formas freqüentes de violências domésticas.

Existem algumas formas disfarçadas de violência:

1. Dizer à pessoa que está sendo espancada para seu próprio bem, o que ainda gera culpa;
2. Abandono disfarçado de falta de exercício de autoridade e falta de fronteiras, em nome de excesso de confiança e flexibilidade, que encobrem comodismo e descuido;
3. Proteção excessiva que encobre desqualificação da capacidade da pessoa para resolver problemas.
4. Relacionamentos em que se encobre manutenção de dependência com obrigatoriedade de lealdade familiar acima de tudo, que deixam a pessoa sem escapatória, pois nada do que é

visto ou vivido em casa pode ser contado fora, sob pena da pessoa que o fizer ser qualificada como traidora da família;

5. Atribuição de responsabilidades excessivas a um filho gerando sobrecarga para ele, a fim de eximir-se de seus deveres parentais ou pessoais;
6. Criação de um clima familiar de raiva e culpa que imobiliza e passa a ser o modelo de relacionamento.

Nosso objetivo ao levantarmos estes padrões de exclusão no lar é informar aos terapeutas e educadores para que se instrumentalizem buscando medidas para vencê-los.

Propostas terapêuticas e sócio-educativas

Como o tratamento da violência ainda está sendo muito estudado no mundo todo, pensamos que seria útil para finalizar, elencar algumas maneiras de pensar e agir, que estão sendo adotadas neste setor na terapia familiar que poderão ajudar os profissionais que trabalham com violência doméstica.

A identificação dos padrões de violência leva à aquisição de força que pode ser posta a serviço da pessoa.

Uma das medidas preliminares é propor à família começar a estabelecer padrões relacionais sem ameaças e aprender a negociar na terapia familiar, sem a exclusão de nenhuma pessoa envolvida no problema.

Construir em conjunto com a família o desapego das crenças do passado e começar a criar formas de relacionar-se mais em conformidade com as necessidades de cada um no presente. Aprender a ouvir o outro para negociar as diferentes maneiras de pensar e agir em busca de soluções que contemplem a todos. Uma das principais conseqüências da violência é a perda de auto-estima que leva a pessoa a ficar presa, sem coragem de sair da situação por não acreditar mais nas suas capacidades. Quando esta pessoa passa a ser aceita e valorizada, recupera sua auto-estima.

É primordial, também a desmistificação da pessoa que é colocada no poder, pela própria trama relacional familiar o que faz dela um mito. Na terapia aprendemos a vê-la como uma pessoa fraca que precisa deste poder de dominação para sentir-se segura. Esta nova percepção devolve o poder às outras pessoas da família que param de endeusá-la como poderosa começando a temê-la menos, o que diminui o seu poder de coação.

Abrir mão do pensamento julgador e procurar compreender o que acontece com cada um desenvolvendo a capacidade de cuidar.

Rever os velhos problemas procurando sempre novas soluções concretas para os mesmos.

Empregar o humor na terapia dá mais alegria e leveza ao tratamento.

Reconhecer a diferença entre a comunicação íntima e a social e aprender que cada um fala por si e sabe o que é bom para si. Compreender a necessidade de respeitar as diferentes formas de ser, para que todos cresçam. (Motta e Cavour, 2005)

O importante é que:

Cada um descubra sua potência, através da própria história de sobrevivência, aprendendo a valorizar a sua resiliência, ou força interior de resolução de problemas.

É preciso que todos fiquem cientes de que somos autores de nossas vidas e dotados de forças para defendê-la.

As normas de respeitar a palavra de cada um e deixar que falem por si, são importantes para manter a ordem na sessão e estabelecer uma nova forma conversacional entre as pessoas.

Adotamos como técnica, perguntas reflexivas que fazem as pessoas pensarem sobre seus atos, sem julgá-las.

O terapeuta deve trabalhar com a *ética relacional* da família. Esta técnica criada por Nagy 1983, procura fazer pessoas valorizarem sua maior capacidade de doação em lugar de ficar cobrando do outro que se doe mais, para equilibrar a balança da contabilidade afetiva.

Referências Bibliográficas

MARCOS,L.R. *Las semillas de la violencia*. Madrid, Editorial Espasa Calpe S.A., 2004.

MONTAGU,A. *Naturaleza de la agresividad humana*. Madrid, Alianza, 1990.

MOTTA,E.e Cavour,R. *A violência oculta no cotidiano da família de A a Z*. Rio de Janeiro, iQi, 2005.

NAGY, I. e SPARK,G.M. *Lealdades invisíveis*. Buenos Aires: Amorrortu, EBA, 1983.

STOLBERG,S. *World Health Organization's Report on the toll of violence*. The New York Time, 3-X-2002.

WELZER-LANG, D. *La violencia doméstica através de 60 preguntas y 59 respuestas*. Madrid. Alianza, 2007.
